

Os versos de Gervásio Fioravanti

LUIZ DELGADO

Descuidado do seu próprio talento e alheio a quaisquer vaidades, Gervásio Fioravanti publicou duas reduzidas coletâneas de versos com um intervalo de mais de trinta anos. Seria, aliás, mais justo dizer-se não que ele publicou, mas que publicaram por ele.

Sabe-se das circunstâncias em que foi editada a primeira, sob o título de *Os meses*: Martins Júnior tendo ouvido os pequenos poemas, pediu-os para os ler com vagar, levou-os para o Rio de Janeiro, escreveu-lhes um curto prefácio (inclusive para contar esta história), e fê-los imprimir em 1895. Pretendia Martins Júnior, com isso fazer conhecidos no sul do país alguns intelectuais pernambucanos de cujos nomes ninguém falava por aquelas plagas. Indicava, como exemplos, Teotônio Freire, França Pereira, Faria Neves Sobrinho, Demóstenes de Olinda, Taumaturgo Vas, Alcedo Marrocos e João Gonçalves Júnior ou seja, Gregório Júnior, Gervásio parecia-lhe, de todos, “o que tem uma fisionomia mais própria, um modo mais pessoal de sentir e de dizer. Não se submete a qualquer preocupação de escola, à imitação deste ou daquele modelo”. A ausência de sistema que Martins, inventor de uma poesia rotulada de científica, honestamente contrapunha ao seu modo de ver — fazia com que Gervásio fosse, na sua terminologia crítica, “um subjetivista”. Mesmo quando o poeta recorda ou pinta um pedaço da natureza, dizia o prefaciador que “o seu temperamento transforma esse pedaço do real, esse *quid* objetivo, em longas áreas de sonho, de sentimentalidade fantasista onde cresce a árvore da Ilusão Humana, regada pela eterna corrente do Amor”.

Também a impressão de *Horas Marianas*, em 1927, atendeu a circunstâncias fortuitas: eleito paraninfo dos bacharéis de Direito daquele ano e não se tendo realizado as solenidades tra-

dicionais da formatura em face de manifestações políticas, Gervásio Fioravanti recebeu dos alunos a homenagem de lhe publicarem os versos que ele, por isso, lhes consagrou.

Tal desinteresse pela edição dos próprios poemas é bem um símbolo da maneira como Gervásio Fioravanti — Professor de Direito Penal — e a quem sucedi na Academia Pernambucana de Letras, em 1940, — olhava não só a sua produção intelectual senão, talvez, a própria vida. Parecia desinteressado de qualquer fama e também de todo esforço maior. A idéia que dava de si, inclusive aos seus alunos como eu havia sido, — era a de nada levar a sério, embora escondesse, sob essas aparências que construía, um coração leal e honesto, capaz, até, de conduzir uma atividade política relativamente intensa e, sem dúvida, bastante combativa. Tudo isso, porém, como que se afastara dele, perdendo-se no passado, quando vim a conhecê-lo, nos corredores e nas aulas da Faculdade de Direito.

É possível que o seu primeiro trabalho impresso tenha sido um pequeno e inflamado pedaço de prosa, composto em saudação à data de 6 de março, evocativa da revolução pernambucana de 1817. Devia ser ele, então, um meninote de dezesseis anos. Ardendo de republicanismo, sonhava que a data se reproduzisse “agora que o Brasil não é mais do que uma pátria de botocudos, agora que o engrandecimento de um único homem, projetando sobre nós a sua triste sombra, faz-nos parecer negros”.

Gervásio Fioravanti cola grau de bacharel em Direito, no Recife, no dia mesmo em que, no Rio, Deodoro proclama a República — o que seria um curioso coroamento dos seus desejos. Logo depois, em 1890, é nomeado adjunto de promotor público da capital, nomeação que não aceita, mas, tendo *A Província*, noticiando o fato, insinuado que ele aderira ao novo regime, vem ele aos jornais protestando. Seu protesto é expressivo de sua discreção: diz somente que “em pequenos jornais e na vida corrente de estudante”, nessas palestras em que se gastam as horas, sempre manifestou o seu pensamento político. Não se fantasia, portanto, de apóstolo, de pioneiro, de construtor; o que lhe interessa é não passar por adesista.

Ao longo do seu curso jurídico, veio firmando nome como poeta, autor, sobretudo, de sonetos.

Em 1888, ganha o primeiro lugar num concurso instituído por uma revista literária, e, infelizmente, não se pode dizer que a sua produção tenha grande brilho ou força: enquanto um sacerdote medita, um casal de namorados vive, a um canto, o seu idílio; é um simples quadro em que o poeta acha meio de meter a frase bíblica “crescei e multiplicai-vos”. Semelhante peça não dá idéia das suas virtualidades.

Por este tempo, Gervásio Fioravanti devia morar em Olin-da, na rua Matias Ferreira. Com certeza morava ali quando se formou e houve uma festa em que seu amigo Faria Neves So-brinho recitou versos ao som do piano. Escreveu então umas quadras que, muito tempo depois, Artur Muniz informou terem sido feitas de improviso, a propósito da pergunta que lhe fez certa moça sobre quando iria pedi-la em casamento...

Depois de muito
ter meditado
no fino intuito
do teu recado

passo a falar-te
rápido e breve —
mas nem de leve
deves zangar-te.

— Casar, tu dizes
Mas, ai! responde
que de infelizes
o mundo esconde.

Casar eu posso
mas Deus não queira
que tal asneira
faça tão moço.

Olha as estrelas...
No céu se abraçam:
como são belas!
Mas, não se casam.

Entanto, estudo
no caso cabe
porque — quem sabe? —
o tempo é tudo.

Amas-me muito?
Amo-te mais.
Depois, veremos
se neste *amemos*
entram teus pais.

Esse tom de troça seria, talvez, o mais adequado ao temperamento de Gervásio Fioravanti. Contudo, há muitas outras cordas na sua lira, inclusive as da angústia metafísica, uma angústia que ele terá conseguido disfarçar mas não vencer.

O período que se abre em 1890, creio que seja o mais fecundo de sua criação poética. Mesmo os poemetos que publicará mais tarde, vêm dessa época, muitas vezes. Bem se pode dizer que é a sua fase áurea.

Além de muitos versos em português, escreve-os em francês e italiano, entre estes, os que dedica a Carlos Gomes por ocasião de sua visita a Pernambuco. O maestro torna-se seu amigo, dá-lhe demonstrações de deferência e de afeto. Está, Gervásio, sendo um dos sonetistas mais apreciados da geração, solicitado a cada passo para deixar seus versos em álbuns e escrevê-los em postais — o que é moda característica da sociedade de então. Sobretudo, porém, o que ele fez repercute entre os oficiais do mesmo ofício, o que é bem mais raro, e na mesma proporção, significativo. Basta dizer que há evidência de, ao menos por duas vezes, na imprensa de outros Estados, aparecem estrofes suas com a assinatura de invejosos que queriam cobrir-se com os seus louros. E, aqui, no Recife, vários dos seus

versos serviram de motivos a outros literatos que, como Manoel de Araújo, Graciliano Martins, Virgílio de Sá Pereira e Fernando Barroca, parafrasearam o *Em ti, pálida flor, confio e espero*, ou Fernando Griz, fazendo o mesmo com o verso *Olhos dirão tudo que a alma sente?* Numerosos exemplos dessa notoriedade mostram o prestígio que cercava em Pernambuco e em outros pontos do país o nome de Gervásio Fioravanti que figura, com Luis Delfino, Magalhães de Azevedo, Alberto de Oliveira e Rodrigo Otávio, entre os colaboradores da revista *A Semana*, de Valentim Magalhães e Marx Fleiuss, do Rio de Janeiro.

Por esse tempo, Martins Júnior leva para o Rio de Janeiro os originais de uma série de pequenos poemas que fará editar com o título de *Os Meses*. Quando o livro está sendo anunciado, um poeta amigo Domingos Leão, com o pseudônimo de "Ioiô Boêmio", dedica-lhe as duas seguintes quadras:

Anda aí contando meses
o Gervásio Fioravanti
e eu creio, pelo que vejo,
que ele está p'ra cada instante...

Do fundo d'alma desejo
e aos deuses todos eu peço
concedam, p'ra bem da lira,
ao Gervásio um bom sucesso.

Era também costume daqueles anos colaborarem dois ou três autores na redação de uma poesia, com o que mostravam as afinidades de suas almas ou de suas inspirações eventuais, quando não as suas simples habilidades técnicas. Duas vezes, pelo menos, juntou-se Gervásio em semelhante exercício ao seu fraternal amigo Martins Júnior.

Da segunda vez, curiosamente, estavam ambos na loja maçônica Vigilância e Segredo, enquanto lá fora a procissão do Senhor dos Passos enchia a rua. Martins Júnior iniciou o diálogo:

*Sete passos apenas? Quem me dera
que, como a ti, faltasse-me somente
essa distância, p'ra atingir a esfera
em que se sonha e ama, em que se é crente.*

Gervásio contrapôs-lhe sua íntima inquietação. Os sete passos que eram breve distância para o amigo, a ele pareciam desesperante jornada:

*Sete passos? Deus meu! Porque há de, a gente,
tanto tempo passar na horrenda e fera
indecisão que abate e desespera,
sem coragem de dá-los para a frente?*

Martins como que abandona a idéia primitiva, passa a falar diretamente ao outro coração e indaga-lhe, à guisa de estímulo:

*Por que os não dás, poeta? A indecisão,
a dúvida talvez, que te atormenta,
não é, decerto, mais que uma visão.*

E Gervásio Fioravanti larga a nota final, registrando com inesperada sinceridade, o desânimo que lhe marcará a poesia e possivelmente a vida:

*Mas, é maior, talvez, que uma tormenta!
A descrença que invade o coração,
as asas tolhe. E a tempestade aumenta.*

O que terá começado como simples jogo de dois espíritos hábeis em rimar, transforma-se em confissão melancólica e adquire o tom que parece mais característica da obra poética de Gervásio.

É verdade que não se pode esquecer a parte de ternura de que estão cheios muitos dos seus versos, sobretudo o que fez a todos os filhos então pequeninos. Ao primeiro deles, por exem-

plo, viu-o adormecido de cansaço, depois de haver trelado muito. Esse abandonar-se ao sono era um sinal de sabedoria...

*“Foste vencido na luta?
Descansa, abre o ouvido, escuta.*

*Não murmures um gemido,
cala o eco dos revezes
porque vencer, muitas vezes,
filho, é saber ser vencido.*

As alegrias e as tristezas domésticas expandem-se em rimas, seja nos aniversários de Sílvia, de Rui e de Paulo, seja na morte de Lúcia — isto, agora, depois da fase poética mais intensa, já em 1922. Chega a anunciar o *Livro de Lúcia*, com os sonetos que a dor lhe inspirara.

Mas, de tudo, restam apenas *Os Meses e Horas Marianas*.

Em *Os Meses* e conforme o próprio título sugere, trata-se de doze poemets, trazendo cada um o nome de um mês do ano, como referência — bastante imprecisa, aliás, — não a uma história de amor, mas, simplesmente, a um amor: não é a história de um amor que comece em janeiro para acabar em dezembro, como se poderia pensar... A marcha do tempo nada tem a ver com o subir ou declinar do sentimento no coração do poeta. Em setembro, ele tenta uma recapitulação de tudo; no entanto, o que mais ressalta é, quando não o contraste, ao menos o desligamento entre as duas realidades:

*Daí, não sei que tempo tem passado
entre o pranto e a alegria, o riso e a dor
e desde então eu tenho atravessado
verões de frio, invernos de valor.*

*Mas, ainda dos campos no renovo,
Setembro os frutos madurecerá:
e o meu amor a começar de novo...
E teu amor, quando começará?*

É leve e ingênuo, com um suave tom de lirismo.

Será sempre assim que Gervásio Fioravanti fará todos os seus versos, sem se apoiar muito em nada, sem pedir muito ao sentimento. Não importa que, de vez em quando, fale em morte — e é claro: morte de amor. A impressão é a de que ele não está mesmo acreditando naquilo...

Um soneto do segundo livro *Horas Marianas*, por exemplo, começa com uma acentuação mais forte:

Quando do céu dos olhos teus, formosos,
medes o abismo em que meu ser naufraga
e vês rolando a soluçante vaga
dos meus negros pezares dolorosos...

Estabelecida assim, a visão da musa serena, posta ao alto a olhar no abismo a aflição do poeta, o núcleo do soneto é a indagação: por que ela não se apieda? No entanto, o último terceto pergunta:

Por que um desdém tu finges tão profundo?
Pois, tu não vês como este abismo é fundo,
pois, tu não sabes que este amor me mata?

A intensidade inicial recebe um choque de amortecimento com a pergunta do primeiro verso: será que não passa tudo de um desdém apenas fingido?

Não se procure nos versos de Gervásio Fioravanti uma unidade conceitual, uma espécie de permanência na clave que escolheu ou que anuncia. E foi esse, aliás, um seu modo de ser que sempre me feriu, desde que fui seu aluno e inclusive em suas lições: o pensamento seguia um rumo e, de repente, infletia como se outra inspiração passasse a movê-lo. Em regra, era um problema que vinha de outro horizonte e interferia com as conclusões do primeiro. O professor — como o poeta — punha os dois a confrontarem-se e prosseguia. Isso me impressionou sempre — e no discurso do meu ingresso na Academia Pernambucana de Letras procurei frizar esse aspecto de sua personali-

dade. Com as presunções da mocidade, pinte-o, então, como um espírito que indagava, sem querer, no entanto, saber da resposta: era o ceticismo que toda gente lhe apontava — uns para louvá-lo, outros, para lamentá-lo ou censurá-lo.

O fato existia, sem dúvida. E o mistério humano de Gervásio Fioravanti está em descobrir-se de que regiões remotas e obscuras em sua alma vinha esse vento seco e triste.

Num soneto cujo motivo é o próprio aniversário, não declarado mas transparecendo no título *13 de fevereiro*, há um resumo tanto da vida quanto da filosofia do poeta:

Muita vez discuti, sereno e ousado,
dois problemas da mísera existência:
— A Glória e o Amor, rosas que a adolescência
dos dias meus engrinaldava o fado.

Hoje, cheguei. Pelo caminho andando,
de flores murchas me acompanha a essência,
Tanto de Amor me embalo na indolência,
quanto da glória rio-me afastado.

Será que a vida outro motivo encerra?
Que a velhice inda um pouso nos descerre
e um problema haja sempre indecifrado?

Não, mocidade! É tudo resolvido.
Viver é menos do que ter vivido,
amar é menos do que ter amado.

Assim, desfeitos os sonhos da juventude, o poeta contrapõe à perspectiva de outros alvos para a existência, apenas a lembrança e a saudade. É como se a insegurança da posse se transformasse na segurança do consolo, refúgio ilusório porque apoiado no já inexistente. Pobre metafísica do desengano, através da qual permanece contudo o desejo de a alma se apegar a qualquer coisa.

Em outras estrofes, ele confessa:

A memória, a memória é meu tormento...
 Pois, hei lembrar-me tudo o que sofri?
 Deus! Porque deste à vida o pensamento,
 Amor, por que te vi?

Amar é menos do que ter amado, dissera ele. E eis que, aqui, a lembrança aparece não como transfiguração em beleza e doçura mas como tristeza e mágoa. Novamente nos encontramos comovidos e perplexos diante desse coração de cuja bondade e de cuja retidão há um testemunho unânime.

Os últimos versos, que citei, pertencem a uma poesia denominada *Anacreônica*, uma das mais longas do livro, composta de doze sextilhas. O título diz de sua íntima inspiração:

Bebamos! Venha ao menos um instante
 do esquecimento a paz sobre a minh'alma.
 Vem, doce embriaguês, sombria amante,
 mergulha-me na calma,
 na calma de uma noite indefinida
 que a morte lembre e que me esqueça a vida.

A idéia da morte, presente em muitas poesias de Gervásio Fioravanti mas ligada quase sempre a românticas eloquências, aparece aqui sob uma luz diversa:

Não há dúvida! A vida é uma quimera.
 A gente vive inda depois de morto.
 O barco solta-se. O infinito o espera
 e muda-se de porto.
 E muda-se de porto! O espaço é grande...
 Flor ou lagarto, a alma ainda se expande.

Será que a esperança retoma os seus direitos? O certo é que o poema prossegue:

Quem me dera voar! Passar juntinho
 daquela estrela que me está chamando,
 roçar as nuvens soltas no caminho
 e eu sempre ir voando...

Mas, no fim, na última estrofe, depois de opor a esse surto a pergunta aflita de "onde vamos parar?" — o poeta como que dissolve tudo, tanto a esperança quanto a dúvida, no desalento que, ainda uma vez, reponta como a nota característica da sua mensagem:

No entretanto, um calor meigo, indeciso,
 me invade o corpo e me embalança a mente:
 será a hora solene do Juízo?

Aqui 'stou, 'stou presente!
 — Presente? Quem falou aí por mim?
 Amor? Mas, não... Quero dormir... Assim...

A conformação, a renúncia, a entrega ao sono... Nem são de esquecer o título e a trama desse poemeto que o poeta vai iluminando alternadamente ora com a lucidez ora com a embriaguês, tornando impossível dizer-se qual das duas representa a comoção fundamental.

São assim os versos de Gervásio Fioravanti. A imensa maioria deles fala de amor — e o amor dos poetas não pode nunca ser tomado ao pé da letra. Até onde é mero pretexto ou é a expressão de sedes mais complexas a agitar-se na alma e sublimando-se por um caminho mais fácil? E a partir de onde, é realidade, ligando um ser a outro ser e representando, ao menos para um deles, o universo total e permanente onde tenham fim as humanas insatisfações? Ficaremos sempre em dúvida a tal respeito. Mas, no caso de Gervásio Fioravanti, seja fato ou seja símbolo, esse amor que ele conta, é a evidente manifestação de uma intensidade interior que não terá encontrado solução para si mesma e resta como testemunho de sua grandeza espiritual. Ser-lhe-emos — sensíveis todos quantos o conhecemos e podemos asseverar que as perplexidades de sua alma já mais o impediram de ser generoso e nobre.

Santa Teresa e a psicologia moderna

JOSÉ LUCENA

Professor de Clínica Psiquiátrica da F.M.U.F.Pe.

O comparecimento de um interessado em problemas de psicologia e psicopatologia a esse encontro em que se comemora a vida extraordinária de Santa Teresa de Jesus e em que se procura fixar alguns traços de sua personalidade e de sua grandeza, tem explicação no fato de que uma cooperação, entre teólogos, por um lado, e psicólogos e psicopatólogos por outro, pode ser muito frutuosa em estabelecer o que há de natural e de sobrenatural no pensamento e na ação da grande mística carmelita. Uma atitude de equilíbrio, que não seja simplesmente apologética e que não seja também tendenciosamente naturalista é difícil de ser conseguida devido à insuficiência de nossos conhecimentos e à complexidade do tema.

Em sua obra sobre *Sociedade, Cultura e Distúrbio Mental*, Wyrsh observa que, de um modo geral, no domínio das atividades artísticas, científicas, políticas etc., as vivências de missão, inspiração, vocação, revelação, intuição são consideradas mórbidas somente quando trazem a marca do delírio, enquanto vivências do mesmo tipo, em conexão com a religião, são logo suspeitadas de anormalidade. Isto sucede, diz ainda ele, porque o elemento Religião, contrariamente aos precedentes não é reconhecido como autônomo e é imediatamente rotulado como superestrutura ou supercompensação etc., como psicologicamente derivável e solucionável. Trata-se de uma atitude cômoda, como sublinha o Autor, mas que não é lógica nem científica e que reflete um prejulgamento naturalista e racionalista, em oposição ao progresso de nossos conhecimentos. Um retrospecto da vida de Santa Teresa parece-nos indispensável, mau grado as repetições, a fim de poder caracterizar os aspectos sobre os quais o estudioso da psicologia e psicopatologia poderia trazer um parecer de certa utilidade.